



Esculturas de Sérgio Camargo na Raquel Arnaud Babenco e as pinturas de



Um dos 200 trabalhos de João Rossi expostos no Museu de Arte de São Paulo, e a série "pinceladas, respingos

Às vésperas da Bienal, grandes exposições

LEONOR AMARANTE

Como todos os anos em que acontece a Bienal Internacional de São Paulo, as galerias da cidade reservam as exposições mais importantes para os meses de agosto, setembro e outubro. Hoje, às 21 horas, serão inauguradas simultaneamente as de Sérgio Camargo, na Raquel Arnaud Babenco (avenida 9 de Julho, 5.719); Marcelo Nitsche na Susanna Sassoun (alameda Lorena, 1.981) e, no sábado, na Paulo de Figueiredo e, no domingo, na Paulo de Figueiredo (rua Dr. Melo Alves, 717); João Rossi, no Museu de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1.578) e Alice Brill, na Bonfiglioli (rua Augusta, 2.995).

Assim como Brancusi, Henry Moore, Marino Marini, entre dezenas de outros escultores de várias épocas de todo o mundo, o brasileiro Sérgio Camargo mantém um ateliê no centro de uma marmoraria em Carrara, na Itália, e um outro em sua fazenda em Jacarepaguá, no Rio. Projetadas e executadas entre dois continentes, as 15 peças em mármore negro, algumas presentes na última Bienal de Veneza, encerram um ciclo começado pelo artista há dez anos. "Esta mostra é o percurso de dez anos em que desdobrei um núcleo base, o cilindro. Agora, as possibilidades estão esgotadas. Essa pesquisa foi também desenvolvida em mármore branco, mas quando radicalizei ao extremo o resultado formal desse núcleo base optei pelo negro."

Artista exclusivo na Europa e nos Estados Unidos da galeria Ginpei Fils,

com matriz em Londres e filiais em Nova York e Zurique, Sérgio Camargo muitas vezes é cobrado pelo fato de trabalhar na Itália usando somente o mármore de Carrara, que na opinião de alguns artistas é um luxo, uma vez que no Brasil já existe material de qualidade. "Isso não é verdade. Além de o mármore brasileiro não ter qualidade, de quebrar facilmente durante a execução das peças, não temos profissionais qualificados, especialistas em obras de arte. Na realidade, as marmorarias trabalham para a construção civil, com gabarito certo, linha industrial intensa e, portanto, não lhes interessa um trabalho eventual. Por tudo isso, sai mais caro trabalhar aqui. Minha peça mais dispendiosa foi, sem dúvida, a da Praça da Sé. O que na Itália um operário executa em uma hora, aqui se faz em uma semana. Trabalho em plena Bolsa Mundial de Pedra, com 30 operários desde 1964. Eles têm a tarefa de artesãos que já executaram peças dos artistas mais importantes do mundo, como Henry Moore. Os novos na profissão já são quarta geração e nos compreendem num simples piscar de olhos. Bem cotado internacionalmente, Sérgio Camargo lembra que não foi fácil chegar a esse estágio. "Até 1963 praticamente não vendia no Brasil. Não sei porque viajei para a Europa, morei 26 anos na França. Logo que cheguei participei de alguns salões que me valeram elogios de algumas compras. A partir daí deslanchei e hoje tenho bom mercado não

so na Europa e Estados Unidos como também no Brasil." O artista continua a executar suas peças na empoeirada marmoraria de Massa Carrara e a concebê-las entre o verde tropical de seu sítio carioca. Um resultado aplaudido por várias galerias e museus norte-americanos, europeus e latino-americanos, que hoje fazem questão de abrigá-las em seus acervos.

Pinceladas, borrões, espirros? A definição pouco importa. Marcelo Nitsche continua a colorir, sem pincel, dezenas de formas, resultado de seu trabalho anterior, "Pinceladas", que começou em 1981 e que até hoje se desmembra em forma de pingos, respingos ou espirros. Assim como Pollock, que projetava baldes de tinta em suas telas, Marcelo Nitsche joga pingos de tinta sobre papel. "Um registro gestual, criado sem o instrumento tradicional de trabalho do pintor o pincel. O resultado são pingos de grandes dimensões e dezenas de respingos ampilados. Alguns aparecem isolados como uma pincelada, outros agrupados numa cor única, que, no conjunto, chegam a medir seis metros de diâmetro". Esses borrões não feitos em papel e depois projetados em PVC, no qual Nitsche passa a colorir com tinta a revólver. A partir daí, o trabalho passa a ser uma pincelada feita sem pincel e se transforma em pintura-objeto. O papel que forra sua mesa de trabalho acaba também registrando toda essa pesquisa, mas de forma inversa. Onde no PVC aparecem

zonas coloridas, no papel em branco. "Essa ausência, cujo registro se vai alterar, acabou-me então não só pelas formas, mas também pelas cores, que, no conjunto, abrangem os quadros de vários tons de verdade, e uma reflexão ao trabalho conceitual para expor na Susanna Sassoun e Paulo de Figueiredo".

Para marcar 30 anos de vida no Paraguai, parte da história da arte Rossi mostra 200 trabalhos em cerâmica, escultura e comunicação visual no Museu de São Paulo. Criador de técnicas, pesquisador de materiais em várias faculdades, começou como designer publicitário. "A ida ao Paraguai foi decisiva em minha carreira. tive contato com a arte de Herreria e Josefina Pils e eles, lançamos a arte moderna no país. Por meio de Josefina, meu corpo e alma na cerâmica, muitas noções construtivas surgiram logo após o encontro de Torres Garcia, no Uruguai. De lá, de uma ocasião passou a uma outra, crinadamente vários tipos, que ele chama de pinceladas. Aplicou no barro formas de ferro, na gravura transe e de chapa de alumínio aba